

Artesanato

Bordando esperança

Confira a história do Instituto Proeza, fonte de oportunidades para mulheres do DF por meio da agulhas do crochê

POR IANDARA PIMENTEL SANTANA*

Criado há 21 anos, o Instituto Proeza é uma organização social que conta com uma longa história de combate a desigualdades por meio da construção de autonomia para mulheres em situação de vulnerabilidade. “De lá para cá, abraçamos também o atendimento de crianças e adolescentes de 6 a 14 anos de idade”, comemora a criadora e diretora-presidente da organização não governamental, Kátia Ferreira.

O Proeza foi idealizado para dar apoio e suporte a mães solo, como a mãe de Kátia, que ficou viúva ainda jovem e com oito filhos para criar. “Meu pai morreu quando eu tinha 2 anos de idade, então sempre vi bem de perto como é a dificuldade de uma mulher para sustentar sua família”, relata. Hoje, a instituição, situada no Recanto das Emas, atende mais de 200 mulheres por meio de cursos de capacitação, além de 500 crianças e adolescentes.

Com vários cursos, como culinária, panificação, bordado e crochê, o local se tornou referência na questão social. “Para as crianças, temos o Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos, que é complementar à escola e à família.” Lá, os 500 adolescentes e crianças atendidos podem explorar suas habilidades, adquirir novos conhecimentos e se preparar para a vida”, reforça.

Expondo a arte

O projeto Tecendo o Amanhã, iniciativa para o empoderamento de mulheres por meio de trabalhos manuais ancestrais, como o crochê e o bordado, já rendeu bastantes frutos para as artesãs. “A ideia de fazer cenografia de crochê surgiu na pandemia. Havia muitas mulheres em situação muito vulnerável e sem renda, mas boa parte fazia crochê”, lembra.



Kátia Ferreira (de vestido) e parte das crocheteiras do projeto Tecendo o amanhã na exposição do JK Shopping

Divulgação/Telmo Ximenes



Resultado de uma das partes do projeto Tecendo o amanhã

Nesse cenário, Kátia começou a elaborar o projeto. “O objetivo inicial era encapar a sede do Proeza de crochê, promovendo turismo de base comunitária e tendo por foco a economia criativa”, conta. A ideia foi tomando forma, mas faltava apoio. “Conseguimos um primeiro apoio, a Fundação

Banco do Brasil, depois uma emenda parlamentar da deputada distrital Paula Belmonte (Cidadania) e, em seguida, uma outra emenda do senador Izalci Lucas (PL-DF)”, lembra Kátia.

Assim, o desafio de encapar o prédio de cinco andares foi finalizado e totalmente coberto, em 2022. O resultado, fruto do trabalho de 108 mulheres crochendo durante dois anos, trouxe visibilidade e, como consequência, muito trabalho. “Ganhamos, literalmente, o mundo. Fomos duas vezes para Londres, Roma e Paris. Além disso, fomos a Miami, Los Angeles, tudo isso somente em 2023”, narra Kátia. Aqui no DF, além da própria sede do Proeza, a arte dessas mulheres pôde ser vista no mês da mulher, durante a exposição *Entrelaços*, ocorrida no JK shopping, para homenagear as crocheteiras.

Já as viagens buscam expor as artes das artesãs com marcas e galerias internacionais. Em Roma, assim como em Londres, o Instituto Proeza encapou, por exemplo, a fachada da Embaixada do Brasil. Com a expectativa de mostrar que o crochê pode e é revolucionário, Kátia tem planos para o futuro. “Agora, seguimos com um projeto que promete ser o maior deles: um museu”, afirma.

*Estagiária sob a supervisão de Sibele Negromonte

DOANDO AMOR

Atualmente, o Instituto Proeza tem apoiado e participado de outras ações. Entre elas, a Mantas da Esperança, campanha de confecção de mantas para doação aos atingidos pelas enchentes no Rio Grande do Sul. As participantes do projeto procuram ajudar da melhor forma que podem: fazendo crochê. A campanha já conta com 119 voluntárias, que participam de mutirões de confecção no Armazim Milano, na 708 Norte, apoiador do projeto, assim como o Instituto BRB. Segundo Kátia, a ação tem como meta enviar 150 unidades até semana que vem. “Crochê é abraço, então nossa ideia foi enviar um abraço daqui para quem está sofrendo lá.”